

Memórias de uma mãe guerrilheira: entrevista com Carmela Pezzuti

Isabel Cristina Leite

Doutoranda em História Social UFRJ

ic.leite@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Memória, Guerrilha urbana.

KEYWORDS: Oral History, Memory, Urban Guerrilla.

“Toda história é sempre sua invenção.

Qualquer memória é sempre um hiato no vazio¹”.

Depois de anos envolta em relacionamento sem amor, ela se enviúva. Sem o detestável marido sobra-lhe tempo para observar mais o filho, que com o passar do tempo, sofre visíveis mudanças comportamentais, destoando dos demais jovens da região. É tempo de repressão. Ele lê livros proibidos e em pouco tempo começa a receber amigos para reuniões de discussão política em casa, enquanto ela serve chá e tenta acompanhar o que se passa. A busca pela “verdade da vida operária” que o filho tanto procura a sensibiliza, e a luta do filho passa a ser a sua luta. Ela torna-se militante exemplar, em meio a disfarces e infiltrações em fábricas mesmo quando seu filho é preso pelo regime.

Esta é a síntese da história de Pelágua Nilovna, célebre personagem do romance *A mãe*, de Máximo Górkki, escrito no ano de 1907². No entanto, a descrição acima pode ilustrar, em parte, a trajetória de vida de Carmela Pezzuti (1926-2009).

Carmela separou-se do marido em um tempo em que tal atitude não era bem vista pela sociedade. Por meio dos filhos guerrilheiros tornou-se ávida leitora de Máximo Górkki, Karl Marx, Régis Debray, Che Guevara. Envolveu-se com um deputado conservador³, quando ainda trabalhava como secretária do governador Israel Pinheiro, ao mesmo tempo em que se engajou na organização Comandos de Libertação Nacional, grupo de guerrilha urbana, cujo um dos líderes era seu filho mais velho, Angelo Pezzuti. Passou por torturas físicas e psicológicas. Foi

Para Diva Viveiros, com afeto.

¹ MARTINS, Leda Maria. In: LOPES, E. (org) et all. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica: 2000.

² Esta obra é considerada a precursora do realismo socialista. GORKKI, Máximo. *A mãe*. Rio de Janeiro: Abril, 1974.

³Esta informação pode ser encontrada em sua biografia: PAIVA, M. *Companheira Carmela*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

trocada pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher⁴ e recomeçou a vida no exterior, separando-se dos filhos e reencontrando-os tempo depois. Representou o Brasil no Tribunal Bertrand Russel em 1974⁵. Perdeu o filho mais velho, Ângelo Pezzuti, na França, em um acidente de motocicleta em 1975, ainda no exílio. Quando foi anistiada, voltou e recomeçou a vida no Brasil. Engajou-se na Associação de Apoio a Creches Comunitárias, chamada *Casa da Vovó*. Em 1984 foi ao Mato Grosso ajudar seu filho mais novo, Murilo Silva, na Associação de Apoio às Comunidades Carentes do Mato Grosso. Lá, ele suicidou.

Carmela foi protagonista de sua própria história, tendo sempre ao seu lado sua irmã, Ângela Pezzuti⁶. Seu caso contrasta com muitos outros na militância, na medida que não iniciou como a maioria começou, aos 20 anos, mas sim aos 40 anos. Diagnosticada com o mal de Alzheimer em 2005, faleceu 2009.

Esta entrevista de História Oral realizada com Carmela Pezzuti, a última por ela concedida, é de 28 de março de 2005.

Durante quase trinta anos muito se debateu sobre o “lugar” da História Oral e as questões que lhe são intrínsecas, a exemplo da produção de fontes, do “status” desta fonte em comparação às outras, e as relações entre memória/história, pesquisador/pesquisado. Todavia, um dos pontos mais polêmicos é o que se refere à confiabilidade da fonte oral e a carga de subjetividade trazida em seu bojo. Robert Frank defende que “o depoimento oral não se constitui

⁴ O embaixador foi sequestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária em 7 de setembro de 1970. Em 13 de janeiro de 1971, setenta presos, entre eles Carmela Pezzuti, foram trocados pela vida e liberdade de Bucher.

⁵A finalidade do Tribunal é julgar e discutir crimes de caráter anticomunista. O primeiro Tribunal ocorreu em 1966, em Londres para analisar os crimes dos Estados Unidos no Vietnã, presidido por Jean Paul Sartre. O segundo foi instaurado “para discutir a repressão no Brasil, Chile e América Latina”, de abril de 1974 a janeiro de 1976, sob a responsabilidade do senador italiano Lelio Basso. Esta iniciativa, segundo Heloísa Greco, “pode ser considerada o ponto de inflexão desta nova fase da luta contra a ditadura desde o exílio, iluminada pela questão dos direitos humanos”. O Brasil, no entanto, ocupou lugar de destaque por dois motivos: foi de um grupo de exilados brasileiros no Chile que partiu a ideia encaminhada a Lelio Basso ainda em 1972, e posta em prática em 1974; e, o que é essencial, a ditadura brasileira foi apresentada ao mundo não apenas como mais uma das ditaduras do Cone Sul, mas como um referencial, um pólo difusor para toda a América Latina, de modelo que adotava a tortura como política de Estado. Dentre os dez brasileiros chamados para prestar seus depoimentos, destacamos a participação de Carmela Pezzuti que encerrou suas palavras com o pensamento voltado para os companheiros que, no Brasil e no Chile, ainda passavam por semelhantes horrores que se praticavam nas prisões, conclamando uma efetiva ação de solidariedade a eles e, em particular, à companheira Inês Etienne Romeu, a quem se referiria como um dos casos mais trágicos de tortura no nosso país. Um repórter de uma televisão holandesa, responsável por cobrir o evento, teria relatado que “a senhora Pezzuti é o exemplo mais marcante de humildade, coragem e combatividade que eu vi no Tribunal Russell”. Cf. GRECO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia*. Tese de doutorado. Departamento de História: UFMG, 2003, pp.149-152; PAIVA, M. *Companheira Carmela*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996. p. 173. ROLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 224.

⁶Sua história foi sistematizada em: PAIVA, M. *Companheira Carmela*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

necessariamente como uma prova, mas pode dar grande contribuição para a busca das provas”⁷. Deste modo, uma das funções relevantes do uso da história oral, para a busca de respostas aos questionamentos do pesquisador é, sem dúvida, o fato de que é uma fonte por ele “provocada”, abre-se um universo de possibilidades explicativas que, de outro modo, pouco provavelmente, estaria acessível. Pode-se afirmar, no entanto, que a fonte oral é uma alternativa criativa em função do diálogo estabelecido entre dois sujeitos no instante da entrevista, que permite ao entrevistador explorar ao máximo a memória daquele que se dispõe a narrar a sua vida. Esta situação de encontro entre dois sujeitos “constitui-se como uma experiência muito significativa, além de ser um espaço para a elaboração e manifestação da memória, que avança no sentido de construir um processo de democratização da fala”⁸.

Muito já foi escrito sobre memória, por meio de trabalhos clássicos como o de Jacques Le Goff, Pierre Nora, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs. É através de Halbwachs que sabemos que a memória é mais que rememoração de algo, ela é uma reconstrução baseada nas experiências individuais e coletivas vividas, proferindo outros significados às mesmas experiências⁹. Trata-se de uma fonte construída *a posteriori*, muitas vezes realmente passível às vicissitudes do esquecimento, mas que oferece ao pesquisador a possibilidade de ser confrontada com várias outras e reconstruída em seus aspectos mais factuais. Desta forma, fatores subjetivos, tais como as emoções e sentimentos que se evidenciam durante a entrevista não devem sempre ser entendidos como indicadores válidos para as afirmações sobre momentos passados, uma vez que podem não ser as mesmas sentidas no momento do fato, na medida em que são resignificadas e expressam o momento atual do entrevistado¹⁰. Para lidar com este emaranhado de questões subjetivas, o historiador pode lançar mão de outros métodos de disciplinas afins, como a sociologia e a psicologia, por exemplo, para auxiliar na condução e formulação da pesquisa e considerar que os lapsos da memória, os silenciamentos e até mesmo a repetição, são partes integrantes e estruturantes do relato. Será a partir do repertório teórico e factual do historiador, e de ter claro quais são seus objetivos de pesquisa, que poderá estabelecer na fonte oral o que será reexaminado. Desta forma, ao cotejar sua fonte com outras, saberá o que criticar e o que deixará para segundo plano, pois como aponta Danièle Voldman, “nada permite retirar da testemunha a

⁷ FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU & TÉTART. *Questões para a história do presente*. Baurur: Edusc, 1992. p. 106.

⁸ ALMEIDA, P. Dossiê História Oral: uma apresentação. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Apresentacao%20Dossie_Paulo%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em 04/05/2011.

⁹ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1980.

¹⁰ BECKER, J. O *handicap* do *a posteriori*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. *Os usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 27-32.

posição que ela adquiriu pelo simples fato de ter aceitado responder às perguntas que lhe faziam”¹¹.

Nesse sentido, a memória tem um papel político importante e que é potencializado quando tratamos de memórias relativas a períodos de exceção, em que há constante conflito sobre a “memória oficial” da época. Tais conflitos se iniciam nos períodos de abertura política, no qual diversos setores políticos e sociais sistematizam suas versões sobre o passado e que de certa forma indicam suas expectativas em relação ao futuro, buscando meios de legitimar sua versão¹².

No caso brasileiro, das memórias sobre o período que foram produzidas pelos órgãos de Direitos Humanos, existe uma reivindicação por um lugar inquestionável da legitimidade da memória. E ao trazer à tona memórias traumáticas que apontam pessoas e instituições ligadas à violação de leis, pedem a reparação e retratação dos acusados. Não raras vezes, por reivindicarem direito à cidadania, seus membros são chamados, por simpatizantes do regime militar, de *revanchistas*. Segundo Ecléa Bosi, em seu livro sobre memória de velhos, o juízo de valor intervém com grande insistência no âmbito da memória política¹³. De forma alguma os acontecimentos são narrados de forma neutra, os personagens julgam, marcam bem o lado a que pertenciam e reafirmam suas posições. São “os de cá e os de lá”, “os deles e os nossos”, como delimita Carmela Pezzuti, ao longo da entrevista.

A singularidade da fonte oral está na possibilidade de interlocução, de interação direta com o sujeito relacionado ao fato pesquisado. Esta relação pesquisador/pesquisado passa por um processo preliminar de construção de uma relação de confiança mútua e criação de uma sintonia entre ambos, importante para o acesso a dados, a sensações e sentimentos, nem sempre expressos nas fontes ditas “tradicionais”. A formação de arquivos orais sobre temas específicos – como a ditadura militar, por exemplo –, tem como finalidade dar acesso a trabalhos que visam documentar, analisar e interpretar a construção de uma memorial social e a sua transmissão para outras gerações.

Cabe ao pesquisador astúcia para a realização da entrevista, no manejo com os sentimentos e intenções do outro, além de ética e bom senso ao publicizar certas falas, no sentido

¹¹VOLDMAN, D. Definições e usos. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Os usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 38

¹²GROPPO. Traumatismos de la memoria e imposibilidad de olvido en los países del ConoSur. In: GROPPPO, B & FLIER, P. (orgs.). *La imposibilidad del olvido. Recorridos de la memoria en Argentina, Chile Y Uruguay*. Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2001. p. 19-23.

¹³BOSI, E. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994. p. 453.

de evitar constrangimento ao depoente, principalmente quando tratamos de temas polêmicos como os que envolvem o período ditatorial, tais como: justiçamentos, delações, torturas, e mais, evitar em última instância, problemas judiciais. Nesta perspectiva, ressalto que certas falas foram retiradas durante a transcrição da entrevista, contudo, esta decisão em nada alterou o sentido do relato.

Na ocasião do depoimento, em comum acordo com a entrevistada, optei por um roteiro pré-determinado, que ao longo da entrevista foi sofrendo alterações¹⁴. Na transcrição, optei por manter a linguagem coloquial da entrevistada.

Primeiro, peço que a senhora se apresente.

Carmela - Meu nome é Carmela Pezzuti, eu nasci em Araxá em 10 de outubro de 1926. A minha meninice passou como todas as meninas lá em Araxá, uma cidade pequena, do interior [de Minas Gerais]. Eu era filha de um médico que veio da Itália e que foi cirurgião em Araxá por muito tempo. Naquele tempo, não tinha nem penicilina, a Santa Casa de Misericórdia não tinha estrutura. Eu tinha muita admiração pelo meu pai. Ele morreu cedo, com 60 anos, eu acho que de tanto pelear com aquela miséria lá em Araxá. Ele morreu pobre também, porque era médico de interior e também não era dele ganhar dinheiro. Ele queria era salvar vidas, porque era uma miséria danada naquele tempo. Quando eu tinha mais ou menos nove anos, fui para São Paulo estudar no colégio Santa Marcelina. O colégio Santa Marcelina era de umas freiras fascistas, muito horrorosas, muito reacionárias, e a gente foi adquirindo um comportamento muito rígido, muito reacionário, porque naquele tempo era tudo fascista. Eu estive lá mais ou menos do primário até o ginásial, porque naquele tempo tinha ginásio. Eu fiz o ginásio lá e tive uma educação muito rígida, muito reacionária. Depois, eu voltei para Araxá tinha mais ou menos uns quinze, dezesseis anos. Agora, naquele tempo, você sabe as moças como é que eram? Elas não tinham ainda a liberdade que elas conseguiram hoje. As moças tinham que fazer o que os pais mandavam apesar do papai ser uma pessoa muito liberal e a mamãe também - a mamãe era lá de Araxá. E aí eu fui educada mais ou menos pela mamãe e por essas freiras. Quando voltei para Araxá tinha mais ou menos uns dezesseis, dezessete anos. Como a gente não tinha nada que fazer, a gente não tinha um curso [superior] e eu não tinha outra coisa a fazer a não ser caçar casamento. Então, com o

¹⁴ Esta entrevista é parte integrante de um montante, realizadas por mim, transcritas e utilizadas como fonte para minha dissertação de mestrado intitulada: *Comandos de Libertação Nacional: Oposição armada à ditadura em Minas Gerais (1967-1969)*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG em 2009, com orientação da Professora Dr.^a Priscila Carlos Brandão.

primeiro que apareceu, eu casei. Ele chamava Teofredo, foi com ele que eu casei e tive dois filhos, que são o Ângelo e o Murilo¹⁵. Era essa a nossa vida, era uma vida de pequeno-burguês, viva ali por conta da casa, era dona de casa, e assim os meninos frequentes... Crescendo, foram sendo educados nesse meio. Mas o meu casamento foi ficando... Não tinha muita amizade, não tinha muito amor não, sabe? Era um relacionamento assim, mais... Como que eu vou dizer? Mais formal. Então, ele foi acabando. Quando os meninos foram crescendo, eu fui ficando desiludida com aquele casamento, mas naquela época a gente não podia separar, era proibido, mas os meus meninos eram mais avançados um pouco, eles mesmos me incentivaram a separar. Nós já tínhamos vindo para Belo Horizonte nesta época. Eu tinha vinte e tantos anos e eles já eram adolescentes, tinham feito o curso primário lá em Araxá. E a gente, então, mudou pra cá e eles começaram a fazer o curso secundário.

Em que ano a senhora veio para Belo Horizonte?

Carmela – Em que ano? Papai morreu em 1960, eu ainda estava lá [em Araxá]. Devia ser mais ou menos 1960. O Ângelo já tinha feito... Como é que era naquele tempo? Parece que era ginásio. Os meninos entraram aí no colégio Padre Machado. O Ângelo e o Murilo. O Ângelo fez logo todos estes cursos e fez o vestibular para medicina. Especializou-se em psiquiatria. E o Murilo ainda estava no secundário. A gente vivia uma vida normal, uma vida de burguês normal. Os meninos estudando, e eu como eu divorciei... Eu divorciei e eu tive que trabalhar, porque, o meu marido ele até que tinha alguma coisa, mas ele falou: “Eu só desquito se você disser no desquite que eu não tenho nada”. Não me deu nada, não deixou nada para mim. Eu fiquei com as mãos vazias e quem me incentivou a largar dele foram os meus meninos, o Ângelo e o Murilo. Falavam: “Mamãe”- eu tinha 37 anos- “Você é uma pessoa que é inteligente, uma pessoa que tem uma aparência boa, porque você não larga do papai? Porque o casamento de vocês não vai bem e você vai fazer sua vida”. Então, eu comecei a ter uma relação familiar com os meus filhos já bem aberta, entendeu? Eles já estavam numa situação, assim, mais aberta para a mulher. Eu não tinha nada, eu fiquei sem nada, eu acho que hoje eu tenho impedimento porque o que eu fiz... Não quis para desquitar, eu não quis a parte que me devia, no que meu marido tinha. É dos meninos também. Eu acho que aí eu não pensei nisso naquela época. Depois, mais tarde, é que eu fui tentar, mas eles nunca reclamaram que ficaram sem nada. Eu fiquei sem nada, eles ficaram sem

¹⁵Ângelo Pezzuti da Silva e Murilo Silva nasceram em Araxá, foram integrantes do grupo Política Operária (POLOP) em Minas Gerais e fundadores de sua dissidência armada Comandos de Libertação Nacional (COLINA).

nada e eu fui trabalhar. Primeiro trabalho que eu fiz foi vender livro, porque todo o mundo - não sei se já reparou - , que não tem o que fazer vai vender livro. Fui vender livro, eu era uma pessoa assim, tinha uma aparência boa, de modo que não era problema para mim vender livro. Eu vendia bem. E uma vez eu estava vendendo os livros quando um senhor estava presente prestando atenção na minha capacidade de vender, falou: “Como é que você chama”? Eu falei meu nome, e ele: “Eu vou oferecer pra você um outro trabalho”. E ele era da fábrica da Bendicts, que era uma máquina de lavar roupa que antigamente era muito vendida. Ele era diretor da empresa, ele era um estrangeiro. Eu falei com os meninos, os meninos me falaram: “Vai”. Eu disse: “Mas eu tenho que ir pra São Paulo, pra fazer um curso, para poder mexer na máquina bem”. Eles disseram: “Não, não, vai para São Paulo mãe”. E eu fui para São Paulo, fazer o curso da Bendicts e vim para Belo Horizonte vender Bendicts. Naquela época a Bendicts era bem vendida. Era igual a que tem hoje, só que mudou de nome, hoje não tem Bendicts mais. Naquele tempo eu ia em todas as lojas que vendiam eletrodomésticos, mas quem vendia eram os meus companheiros de trabalho, eu só demonstrava. O que eu ganhava era da Bendicts, a Bendicts que me pagava. E assim eu fui indo. Nós começamos até a ter uma vida muito boa, muito solidária, eu com os meus filhos, eu vendendo e eles estudando. Eu tenho uma irmã que morava em Araxá, que era fazendeira e tinha bastante dinheiro. Nessa época, eu também tinha uma irmã, que é a Ângela - tinha não, tenho - uma irmã, que é a Ângela¹⁶ e que me ajudava muito, que era muito amiga, que saía comigo. Ela também estava procurando trabalho, tinha vindo de Araxá, então, nós ficávamos naquela amizade. Éramos eu, a minha irmã Suzana, a Ângela, eu e os meninos. Era uma vida tranquila, uma vida normal e o meu cunhado, que é o Alonso, arranhou um trabalho pra mim lá no Palácio da Liberdade. Naquele tempo quem era governador era o Israel Pinheiro. Ele era uma pessoa muito honesta, eles falam que ele enriqueceu lá em Brasília¹⁷, como enriqueceram outros, mas não, ele quando morreu, morreu pobre. E ele era governador aqui e fui ser secretária dele. Eu fui secretária dele, mas eu não tinha formação para ser secretária de um governador. A gente vivia uma vida normal, uma vida feliz, passeava, entendeu? E eu me dava muito bem com os meus filhos. E aí foi indo, quando deu o golpe. Deu o golpe e veio a ditadura.

¹⁶Ângela Pezzuti, foi funcionária técnico- administrativa da UFMG, e uma das militantes mais ativas do movimento pela Anistia em Minas Gerais.

¹⁷Israel Pinheiro presidiu a empresa NOVACAP, responsável pela construção de Brasília. Foi o primeiro administrador da nova capital, nos últimos meses do governo do presidente Kubitschek.

O que significou o golpe para a senhora? A senhora tinha noção do que foi esse golpe? A senhora estava acompanhando os acontecimentos políticos da época?

Carmela – Nada, não estava muito não. Quem acompanhava mais eram os meus filhos. O Ângelo, por exemplo, estava estudando medicina na Escola de Medicina [na UFMG], e o Murilo estava cursando ainda o segundo grau. E os meninos naquela época se interessavam muito pela política, principalmente aqui em Belo Horizonte, principalmente a Escola de medicina. A Escola de Medicina era mais... Tinha mais condições. E a conjuntura naquela época... Quando deu o golpe militar, foi 1964. Mas de 1964 até 1968, quando os meninos entraram na luta armada, foi um período mais ou menos de preparação. Em relação aos jovens daqui, eles faziam passeata com as faixas, bandeiras. Não pensavam ainda numa luta mais profunda. Mas aquilo foi indo e eu acompanhando. Naquela época eles me ensinavam, discutiam comigo, davam livro pra eu estudar. O primeiro livro que eles me deram foi *A mãe*, do [Máximo] Górkí. Deram outros livros pra eu ir me politizando um pouco. Mas eu ficava, meio cá, meio lá. Eu ia nas passeatas junto com a minha irmã Ângela. Ela também acompanhava muito, era muito amiga dos meninos. E a gente foi indo até que a coisa... A conjuntura... Não sei, eu não sei te explicar como é que foi. Eu até tenho um livro aqui, que é do Mauricio Paiva¹⁸, quem escreveu o meu livro. Essa parte aí da conjuntura, após entrarem na luta armada é muito bem explicada por ele.

O sonho exilado?

Carmela – Sim. Vai relatar a conjuntura, a luta armada. Muito bem feito. Eu sei que havia, no mundo inteiro, uma revolta estudantil. Eu sei que eles, os estudantes, tinham o exemplo naquela época de pegar em arma. Havia o exemplo de países que entraram, que foram vencedores na luta pela libertação deles, que era Cuba, Argélia, Vietnã. Os meninos resolveram em última instância a luta armada, já que a ditadura era muito forte, entendeu? Muito repressiva, então, eles resolveram fazer luta armada. Foi o livro do Regis Debray que incentivou mais, porque o Debray teve com o Che lá na Bolívia, e escreveu um livro *A revolução na revolução*. Isso aí incentivou os meninos a lançarem para a luta armada também. O Partido Comunista, que era contra... Não era que era contra, só não achava que não era através da luta armada que ia mudar a situação do Brasil. Mas os meninos começaram a pegar, resolveram a fundar a COLINA¹⁹.

¹⁸ Mauricio Vieira Paiva, engenheiro, antigo militante do COLINA.

¹⁹ Comandos de Libertação Nacional. Organização dissidente da POLOP, surgida em razão da cisão ocorrida no IV Congresso da POLOP. Insatisfeitos com a suposta “inércia” desta organização frente à ditadura, optaram por seguir

A senhora soube desde o início que eles estavam pegando em armas?

Carmela – Nada, nada. Eu continuei meu trabalho, era uma mulher normal.

A senhora trabalhava com o governador e seus filhos pegando em armas. Como é que foi isso?

Carmela – Eu não sabia nada, era um mistério. Eu ficava em casa, de repente os meninos entravam todos, se fechavam nos quartos. Eu ficava pensando: “O que estes meninos estão fazendo dentro do quarto”? Eu ia, levava um café, eles fechavam a porta. Eu falava: “O que será que está acontecendo?”. E eu lá no Palácio, trabalhando no Palácio, sem saber nada, nada, nada. Eu achava esquisito o comportamento deles, mesmo eu indo nas passeatas, porque naquele tempo ainda era passeata, eu ia com a minha irmã Ângela nas passeatas, e as passeatas eram muito reprimidas pela polícia. O Exército ainda não entrava nas passeatas não. Era mais ou menos a polícia, a polícia militar. E eram violentos com os jovens que estavam fazendo só umas passeatas. Nesse tempo começaram a discutir sobre a luta armada, se era válido, se não era válido, aí eles resolveram fazer luta armada. Pertenciam àquela época à POLOP. A POLOP também não era uma organização que apoiava a luta armada, assim, eles criaram a COLINA. O COLINA que começou com a luta armada. COLINA você sabe o que quer dizer, é Comandos de Libertação Nacional. Como não tinham dinheiro, eles começaram a assaltar banco, e com o dinheiro do assalto a banco, eles faziam um trabalho político. O Ângelo estava no último ano de medicina. Ele largou, não formou, largou para entrar na luta armada. Eu não sabia. Um dia, eu ajudava, os meninos iam lá pra casa, o pessoal da COLINA ia lá pra casa, fechavam nos quartos e eu oferecia café, um cafezinho. Era tudo no segredo, calado.

Levava cafezinho para aquela meninada...

Carmela – Eu comecei a desconfiar que havia qualquer coisa, porque, por exemplo, quando eles assaltavam um banco e o negócio dava certo, ia tudo lá para casa naquela alegria, sentava lá, ia todo mundo para televisão para ver o povo contar o assalto. Eu falava: “Gente, mas que coisa esquisita gostar de assalto”. Eu tinha uma amiga, a Dora, ela chamava Maria das Dores...

o caminho da luta armada, fundando, assim, a COLINA. Atuou principalmente em Minas Gerais e existiu entre os anos de 1967 e 1969.

[pensativa] É, Maria das Dores. Era muito minha amiga e muito amiga dos meninos. Foi uma das maiores lutadoras que houve. Ela suicidou na França²⁰.

A Maria Auxiliadora?

Carmela – Maria Auxiliadora! E ela falava para os meninos: “Chama a sua mãe. Porque vocês não chamam a sua mãe? Ela é tão pra frente!”. Um dia, o Ângelo e o Murilo chegaram pra mim e já foram de supetão: “Nós somos comunistas”. Levei o maior susto! [risos] Porque comunista, naquela época, comia criancinha. Eu falei: “Nossa meu filho, não é possível”! Ângelo disse: “Vamos, entra conosco”. Você acredita que eu entrei? Entrei, mas entrei dando uma cobertura. Aí o negócio foi indo, foi indo, a luta armada continuou. Eu não sei quanto tempo durou antes deles serem todos presos. Porque a primeira que caiu de todo o Brasil foi a COLINA. Os meninos viajavam e a Dora também me dava umas aulinhas, e eu comecei a ler Debray, comecei a ler Gorki e comecei a entusiasmar também com aquilo. Você sabe, eu sempre tive uma atitude muito... Não sei se veio do papai, eu tinha muito aquela coisa de luta, de achar a sociedade muito desigual, muito pobre, muito... Eu não sabia por que aquilo. E tinha muita capacidade de ver aquilo e ficava sem saber o que fazer. Então, como eu já tinha - eu acho que veio do papai - porque o papai não era comunista, não era nada, ele era até meio fascista. Ele veio da Itália, a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial, então, parece que foi dele que veio essa coisa minha, essa aflição de ver tanta pessoa na miséria. Não foi de repente, foi mais ou menos uma coisa que vinha dentro de mim e que estourou quando os meninos me chamaram. Não foi só porque eles me chamaram, foi porque eu também tinha aquela visão social, de ver tudo tão ruim, naquele tempo, como hoje, que também eu acho que está piorando cada vez mais. Eu entrei, mas entrei primeiro eu com a Dora pra arranjar dinheiro, porque não tinha dinheiro, a gente abriu uma lojinha de bijuteria. Ela vendia bijuteria para poder ajudar nessa luta. Mas não durou nada, porque nós não sabíamos fazer negócio, o negócio foi por água abaixo. A partir daí eu comecei a militar mesmo, mas ainda lá no Palácio, funcionária do Israel. Ninguém sabia nada, nem o Israel, nem ninguém. O interessante é que em uma situação dessa, em uma organização dessa, uma pessoa

²⁰Nesta fala há dois equívocos de Carmela, pois, Dora ou Dodora, como era conhecida, se chamava Maria Auxiliadora Lara Barcelos, era estudante de medicina na UFMG. Ela suicidou-se em Berlim no ano de 1976. Um registro de Maria Auxiliadora no exílio pode ser visto no documentário *Brazil: A Report on Torture*. Este foi o primeiro documentário a registrar testemunhos sobre o uso de tortura contra presos políticos latinoamericanos e pode ser visto na internet: <<http://www.linktv.org/programs/brazil-a-report-on-torture>>. Para saber mais sobre o documentário e a participação de Maria Auxiliadora e outros exilados neste, conferir: GREEN, James. *Apesar de vocês*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009. p. 243.

não sabe da outra. Quanto menos você sabe, se você for presa menos você fala. Ninguém conhecia ninguém e todo o mundo tinha nome falso. A gente se conhecia assim. Primeiro de tudo eu comecei com essa lojinha, depois eu fui fazer minha parte na COLINA fazendo... [começa a gesticular]

Panfleto?

Carmela- Panfleto não. Espera. [sai] O meu trabalho dentro da organização era fazer isso. [mostra carteira de identidade]

A senhora fazia documento falso.

Carmela – Era fácil fazer. Não era difícil.

Não?

Carmela – Não. Porque para fazer um documento falso, isso naquela época... Hoje, por exemplo, é mais complicado, mas naquela época não era complicado não. Era só você ir no cartório, pedir uma certidão de nascimento de uma pessoa que você sabe que existia, a pessoa existia e você com aquela pessoa, você fazia o documento. Pra mim, aquilo não era muito difícil não. Era uma coisa esquisita. Imagina, você pegar uma pessoa... A gente tinha uma pessoa, que eu nem sei quem era, que fornecia para a gente uma certidão de nascimento que fosse parecida com aquela pessoa. Por exemplo, eu. Eu sou mais velha, a meninada podia ser todos os meus filhos. Eu era a mais velha de todas, sempre fui. Em todas as minhas lutas eu sempre fui a pessoa mais velha. Eram todos meus filhos. Você escolhia mais ou menos com o perfil daquela pessoa que você quer. Eu fui fazendo isso. E a repressão aí foi piorando. Primeiro a repressão não sabia nada não, pensou que fosse um assalto...

Um assalto comum?

Carmela – Um assalto comum. Eles são muito inteligentes [os agentes da repressão], eles são danados para descobrir as coisas. Quando eles viram que aqueles assaltos foram no Brasil inteiro, porque tinha no Rio, tinha em São Paulo, tinha aqui, tinham em vários lugares, eles começaram com uma perseguição. A perseguição era uma perseguição brutal. Cada um tinha uma tarefa a

cumprir dentro da organização, só que a gente se conhecia, mas não sabia o nome. De toda a maneira, na medicina, por exemplo, eu conhecia os meninos porque eram todos amigos do Ângelo, eles iam lá para casa e eu conhecia. Outros eu não conhecia. Conhecia a Dora, que era muito minha amiga, mas eu dava outro nome. Eu chamava Lúcia. De Carmela passei pra Lúcia. Fazia documento falso e a gente ia cada vez pior, cada vez mais os meninos faziam assalto. Primeiro roubava os carros e armas. Era muito difícil armas e eles conseguiam armas, só furtando mesmo. Assim eles iam tocando pra frente a COLINA. A COLINA fez contato com as outras organizações de fora, outras organizações que estavam no Rio. Em São Paulo, eles tiveram pouca atuação, mas no Rio, a atuação era bem próxima. A repressão em cima e eles fugindo da repressão. Quando foi um dia, eles resolveram fazer um assalto em Sabará. Em Sabará, foram dois bancos juntos. A polícia já estava desconfiada e foram para Sabará. Eles conseguiram fugir, passar a polícia. Existia dentro da organização, mais ou menos, uma hierarquia, como tem em todo lugar. E o Ângelo era mais ou menos como um comandante. Não era bem um comandante mais uma pessoa assim...

Era um dos principais, do comando da organização.

Carmela – É. Do comando da organização. E o Murilo também. O Murilo não era da organização, mas era muito bravo. Ele era muito corajoso. Ele entrava em tudo o que era assalto e ele guiava também.

O Murilo não era do comando da organização?

Carmela – É. Não era, mas ele era muito corajoso. E, para mim, ele era um militante que acreditava, apaixonado. Não tinha problema pra ele, nem nada. Tinha uma companheira na organização de comando, existia só uma mulher que pegou em armas. As outras, que era eu, a Dora, e não lembro das outras, ficavam na periferia.

A mulher que pegou em armas foi a Maria José?

Carmela – É a Maria José²¹. Essa que pegava em arma, que participava dos assaltos. E quando foi de Sabará, eles fizeram dois assaltos, aí a polícia já estava desconfiada, inclusive, já estava querendo prender as pessoas. Quem caiu primeiro foi o Ângelo. Os outros ficaram na clandestinidade. Em Sabará eles conseguiram passar, não foi ninguém preso, mas eles, naquela euforia de ter passado, o Ângelo não tinha aquela capacidade de ver que tava em perigo, sabe onde ele deixou o carro? Deixou na porta do Palácio! Deixou na porta do Palácio e quando ele saiu, ele deixou a marca da digital dele. Ele já estava na clandestinidade, os outros não estavam na clandestinidade ainda. E ele deixou a marca da digital dele e deixou na porta do Palácio. Então foi preso. Ele já estava na clandestinidade então não morava com os outros. Ele morava numa casa sozinho, de vez em quando ele ia lá em casa. Eu também mudei de casa, mudei da rua Alagoas para a avenida Pedro II. Estava lá com os meninos e ele na clandestinidade, ninguém sabia onde ele morava.

Então ele não estava lá no aparelho do bairro São Geraldo²².

Carmela – Não. Ele foi preso com um outro companheiro dele. E prenderam ele nessa casa, eu não sei como eles conseguiram saber que ele estava nessa casa. Numa casa que até hoje eu não sei qual é que era. E ele foi preso e levaram ele para o DOPS. E os outros não ficaram sabendo da prisão dele. O Murilo foi procurá-lo, ele não estava na clandestinidade, estava lá em casa morando comigo. E veio um dia de tarde e disse: “Mamãe, o Ângelo ta preso”. Ele ficou esperando quase uma hora o Ângelo, em tempo de ser preso. Mas eu acho que a repressão ainda não estava muito presente ao nível dos dados. Ele não foi preso. Viu que o Ângelo não estava lá e saiu, foi lá para casa. Eu estava deitada, ele falou: “Mamãe, eu tenho que ir embora, nós vamos entrar na clandestinidade, porque o Ângelo foi preso”. Eu falei: “Mas gente, você vai pra onde, meu filho”? Ele disse: “Não sei”. Eu falei: “E eu? O que eu faço? Vocês dois são presos e eu vou

²¹Maria José de Carvalho Nahas, conhecida como a “loura da metralhadora”, em função das metralhadoras Thompson aprendidas com o grupo quando de sua prisão. Para saber mais sobre a militante, há o documentário “A loura da metralhadora”. Patrícia Moran, 1996.

²²O *aparelho* utilizado pelo COLINA que ficou mais conhecido, foi a casa do bairro São Geraldo, onde foram presos os sete principais integrantes do grupo em Minas, na madrugada de 29 de janeiro de 1969. Lá estavam Jorge Nahas, Maria José Nahas, Murilo Pinto, Júlio Bittencourt, Nilo Sérgio Menezes, Afonso Celso Lana Leite e Maurício Paiva. Neste local foram encontradas metralhadoras Thompson, que causaram espanto aos policiais, pois nem mesmo o sistema de segurança pública e de repressão possuía armas dessa categoria. Nesta ação houve tiroteio e um policial morreu. O militante Maurício Paiva levou um tiro na perna, sendo que posteriormente todos foram encostados na parede e passaram por uma simulação de fuzilamento. O fato não se consumou porque o delegado Luiz Soares da Rocha temeu pelas conseqüências do ato e o impediu. Mesmo assim, permaneceram amarrados um ao outro pelo pescoço por um fio de arame, enquanto sofriam espancamentos e ameaças. Em seguida foram levados para o DOPS. O COLINA foi o primeiro grupo armado a ser desmantelado após o AI-5. PAIVA, Maurício. *O sonho exilado*. Mauad: [s.n.], 2004.

pra onde”? Ele falou assim: “Mamãe, você fica aí. Você continua fazendo as coisas”. “Mas eu vou ficar sozinha? Eu não tinha ainda aquela capacidade de raciocínio”.

Raciocínio de militante.

Carmela – Isso eu fui ter bem depois. Você vai adquirindo. Ele pegou as coisinhas dele, bem pouca coisa, e foi embora. Eu fiquei sozinha. Nós combinamos de nos encontrar sem ninguém saber. Eles foram todos para a casa do São Geraldo. Todos que eram da COLINA foram para lá. Murilo vinha encontrar comigo e falava: “Está tudo bem”. Um dia, eu fui encontrar com ele, e ele não estava. Quando eu estava entrando no Palácio, para trabalhar - continuei trabalhando lá, mas eu não fiz nada lá, não peguei documento, essas coisas. Não tinha precisão, nem nada -, eu fui entrando e o rapaz que era meu companheiro de trabalho falou: “Eles foram em uma casa São Geraldo e prenderam um montão de gente lá que era subversivo, dona Carmela”. Eu falei: “Pronto! Eram os meninos”. E morreram duas pessoas. Eu falei: “Meu Deus! Quem foi que morreu? Foi o Ângelo, foi o Murilo? Quem foi? Foram os nossos de cá ou os de lá”? Depois eu fiquei sabendo mais tarde que eles foram de madrugada, um dos rapazes que foi preso falou sobre a casa, foram lá e prenderam todo o mundo. Esse negócio da pessoa falar quando ela é presa... Um companheiro nosso foi preso, que já estava queimado, esse cara. E o rapaz pegou o carro e foi preso e prenderam o carro. Ficou preso e falou da casa São Geraldo. Eles foram lá e prenderam o pessoal todo. Eu acho que a gente não pode julgar muito as pessoas que falaram, para mim é um problema moral. Por que eles não eram preparados. Alguns falaram. Outros não falaram. Depois dependia muito da capacidade de cada um. E você julgar, chamar de traidor, eu acho que é errado. Eu acho que é mais um problema moral. Ele falou, eles foram lá, prenderam e eles tinham umas armas e também atiraram. Eles reagiram, lá na casa São Geraldo o pessoal da COLINA reagiu, e o militar morreu. Agora, não sabe se ele morreu. Não sabem até hoje que bala que pegou os militares. Se foi eles mesmo, entre eles atirando, ou se foi o pessoal da COLINA. Foram todos levados para o DOPS. Na hora da prisão eles tentaram matar, puseram eles para fuzilar, mas aí, você também vai saber o nome desse aí, que era quem comandava a polícia.

Era o Luis Soares da Rocha.

Carmela – É. Esse. Ele comandava. Ele tinha em mente não era matar, era ter informações pra acabar com a COLINA. Para acabar com essas organizações armadas: “Não pode matar porque a

gente precisa deles pra saber quem é que está nesse rolo”. Eles foram muito maltratados, muito torturados. Muito torturados. E a tortura você sabe o que é? A tortura é o pau-de-arara, é o choque elétrico, é pancadaria no ouvido que deixa as pessoas surdas, é afogar a pessoas até a pessoa não poder mais. Eu sei que as torturas mais ou menos você sabe quais são porque elas são escritas em tudo quanto é lugar. Eles foram muito torturados e logo depois eles ficaram no DOI, no DOI-CODI. Lá eles ficaram num porão e até hoje eles tem os presos comuns, levam pra lá. No porão tem tudo quanto é bicho. A comida é muito ruim, eles o puseram em um porão onde tinha muito rato e ele pra ficar livre dos ratos punha a sua comida para os ratos comerem e não virem até ele. E outros também tiveram lá. Até hoje existe essa prisão lá nesse lugar, tem um nome, que eles torturam até criança, porque o Ângelo quando foi para lá viu muita criança no pau-de-arara. Criança que era menino de rua. Eles torturavam os meninos de rua. Quando eu soube dos meninos da casa São Geraldo, fui onde eu encontrava com o Murilo, e o Murilo não estava. Quando eu entrei no Palácio todo mundo falou que lá estavam todos presos. Eu falei: “Então eu também vou ser presa. Tenho que entrar pra clandestinidade”. Entrei na clandestinidade, eu com a Dora.

Como é que funcionava a militância clandestina?

Carmela – Antes, eu lutava na organização, mas não era na clandestinidade, agora eu tive que entrar na clandestinidade. Na clandestinidade era muito difícil a gente esconder, mas fiquei pouco tempo, depois eles me prenderam. Logo depois. Quando o Murilo foi pra clandestinidade eu fiquei sozinha na casa, mas eles já sabiam mais ou menos que eu tava clandestina, que eu estava na organização.

Quando a senhora entrou para a clandestinidade, a senhora largou o emprego?

Carmela- Não. Continuei no emprego, mas com a minha identidade, mas tava na clandestinidade. Fazia as coisas escondido.

Quais os codinomes da senhora? Neste momento é que a senhora se chamou Virgínia?

Carmela - Não. Eu fui avisar o pai deles e disse: “Agora eu tenho que sair”. Quando teve lá a casa São Geraldo, eu tive que sair lá do governador. Ele soube que eu tinha sido presa, porque logo depois que os meninos foram presos. Um dia depois, eles me prenderam. Alguém falou, ou

eles estavam me seguindo. Eu levantava cedinho, pegava meu ônibus, ia para o Palácio como se nada tivesse acontecido. Um dia, eu estava lá na Ângela, tentando ir para a clandestinidade. Eu tinha um amigo que me ofereceu para me levar, teve também minha família, que estava em Araxá e queria me levar para Araxá, para eu ficar livre da prisão, e um rapaz, que era muito nosso amigo e que não tinha nada a ver, também se ofereceu pra me levar para o norte. Eu estava arrumando as malas para entrar pra clandestinidade, quando me prenderam. A Ângela chorava: “Não, ela não tem nada que ver”. Foi engraçado, que tem coisa que a gente não esquece. Eu falei: “Eu não tenho nada que ver”. Eu nunca falei que eu estava na luta, nunca falei. Falei que eu estava por fora. “Não, mas eu não tenho nada com isso”. “Mas você vai presa, porque nós sabemos que você está na organização”. Eles me levaram para o bairro Horto [em Belo Horizonte], na prisão das mulheres. O pior, o que você tem medo é que quando eles te prendem você não sabe para onde você vai. Isso é uma das torturas piores que tem e que eles fazem sempre. Põem você em um lugar, no automóvel, saem e você não sabe pra onde você vai. Então, na hora em que eles entraram no Horto, eu vi que eu estava na prisão das mulheres. O que me prendeu, o chefe, dele eu tive medo. Era já de noite, eu tive medo e falei com ele. Ele já tinha falado com a pessoa da prisão, que ficava lá. Falou com ela que eu era prisioneira, que me pusesse na surda²³. Eu fiquei com medo e falei: “Por favor, me põe com uma outra pessoa”. Eu já estava saindo. Ele voltou e me pôs realmente com outra pessoa e não me pôs, ainda, na surda. Me colocou com outra pessoa que era uma amiga, uma companheira, de outra organização. E ali eu fiquei uns dias, não era muito terrível. A gente tinha comida, a grade era aberta, a gente via as plantas, a gente dormia bem.

O tratamento de presos políticos era igual ao tratamento de presos comuns? Pelo que a senhora está falando, no início, pelo menos, era.

Carmela- No início era mais ou menos como as presas comuns. Eu estava lá uns tempos e a Ângela sempre ia me visitar, levava notícia dos meninos, como é que os meninos estavam na prisão, se estavam ou não sendo torturados, essas coisas. Teve um dia que entrou um sujeito vestido de farda do Exército. E eu achei aquilo esquisito. Ele ia e conversava com o diretor do presídio. Um dia conversou com o diretor do presídio e foi embora. Nesse dia, o diretor do presídio foi lá onde eu estava com a moça e falou: “Arruma as suas coisas que você vai para outro

²³Ver parte do documento anexo de Carmela Pezzuti sobre a cela surda.

lugar”. A gente não sabia nada. Eu peguei minhas coisinhas, ela ajudou a arrumar, pôs uns livros para eu ler, pôs minhas roupinhas, minhas coisas, e eu fui com a minha malinha até o diretor. Quando o diretor viu aquilo ele falou: “Pode largar tudo aí que você vai com a mão abanando”. Eu falei: “Gente! Mas como é que eu faço, se eu nem tenho roupa pra trocar”? E ele falou: “Pode deixar tudo aí, não precisa nada”. A moça que era funcionária do presídio - tinha uma cara muito feia, horrorosa, ela não conversava com a gente, achava que a gente era uns terroristas e ela era muito brava, eu estive com ela só esse tempo. Quando eu entrei para a outra, que eu fui para a outra, eu fui andando, andando, andando, e ela falou: “Larga as coisas aí”. O diretor: “Vai”. E eu fui. Passei por onde estavam as presas comuns e fui andando, fui andando, fui andando, nem sabia até onde que eu ia. Até que ficou um silêncio total. Era um corredor, ficava um silêncio total. Naquele silêncio total, eu não sabia onde é que eu ia. Quando vi a pessoa que estava me acompanhando, que era a funcionária, abriu a porta e me jogou em um quartinho. Era a tal da surda, que era o negócio do castigo das prisioneiras. Quando elas faziam alguma coisa que eles não gostavam, eles as botavam na surda. Ali que eu fiquei. Era tudo tampado, não tinha nada, era uma cama e aqui tinha um buraco onde você fazia suas necessidades. Essa surda, quem esteve nessa surda, foi uma tortura muito grande, quer dizer, você não foi para o pau-de-arara, mas fiquei setenta e cinco dias sem saber dos seus filhos, lá naquele lugar, onde você não ouvia barulho nenhum. Eu só ouvia um sino batendo e quando uns trabalhadores passavam perto. O resto era um silêncio total. E você ficava quase que de... Como aquele livro *Montanha Mágica*, onde o rapaz não tinha jeito de ficar em pé, só ficava deitado. A gente ficava deitada, porque se você levantasse, era tão pequenininha a cela, você batia a cabeça. Então, nessa posição não tinha nada que você pudesse fazer, nada. Era tudo escuro, só tinha uma clarabóia. Eu fiquei um pouco ali, o que eles estavam fazendo naquela hora era quebrando a minha resistência. O que eles fazem primeiro? Primeiro eles quebram a resistência da pessoa, quando o militante já não tem mais a capacidade, eles, então, começam o interrogatório. Isso é muito mostrado quando você vai para o pau-de-arara. O pau-de-arara você sabe como é. Você pendura de cabeça para baixo, como aquelas galinhas quando vem da roça, você pendura pelos pés e você fica esticado. Fica com o corpo pendurado. Enquanto a pessoa está com a cabeça assim, tentando, ela ainda está resistindo. Quando ela abaixa a cabeça está na hora de fazer as torturas, era isso que indicava a eles quando a pessoa estava no limite da sua força de resistência. Eles tinham a capacidade psicológica muito grande em relação à pessoas que iam presas, eles queriam informações, mas queriam informações depois que a pessoa estivesse fragilizada. Isso era para fragilizar. Eu fiquei lá para ser fragilizada, depois eu fui para outro lugar. Eu fui interrogada. Fiquei lá uns tempos, até que eu fui interrogada

pelo coronel Otávio Medeiros. Daí já fui entregue para o Exército e aí a coisa piorou. Eu, quando estava lá na surda, a única coisa que eu tinha, que me aliviava um pouco, eram as duas funcionárias que era muito boazinhas. Elas conversavam com a gente, não era feito a outra. Elas levavam as coisas para a gente comer, elas tinham uma amizade com a gente. Eram duas pessoas que eu nem sei o nome delas mais²⁴. Depois, a Maria José foi presa também e foi pra solitária. Ela ficou cinco meses, eu não sei como ela aguentou, como não ficou doida. Quando passou um tempo, eu fui chamada para ser interrogada pelo coronel Medeiros. O coronel Medeiros me perguntou muitas coisas, eu falava que não sabia. O Murilo, quando ele foi para a clandestinidade, falou comigo: “Mamãe, você não fala nada. Não fala um nome, não fala que você é da organização. Fica calada”. E eu fui com aquela coisa na ideia: “Não fala nada, não conhece ninguém”. Eu falei assim: “Bom, então eu vou fazer isso”. Quando eu estava sendo interrogada pelo coronel Medeiros, que foi o primeiro interrogatório, ele me mostrou as fotografias das pessoas que tinham sido presas, que eram colegas do Ângelo na universidade. Como é que eu não conhecia eles? [risos] Pelo amor de Deus! Foi errado, foi errado [ter dito que não reconhecia os estudantes das fotos]. Agora, tem uma coisa, eles nunca falaram que eu estava na organização! Se eles tivessem falado, eu entrava pelo cano. Mas nenhum falou. Que coisa, não é? Que bom! Eu também não falei então ficou elas por elas. Eu falei sempre: “Não estou nisto, não estou”. “Não sei, não conheço ninguém”. Ele ficou tão puto da vida, porque todo mundo [inaudível]. Ele falou: “Me dá aqui as fotografias!”. Eu falei: “Eu estou reconhecendo aqui só o Murilo”. Ele falou “Me dá aqui! Vai embora! Vai embora, eu não quero perder mais tempo com você! Vai embora, eu tenho outras coisas pra fazer”! E eu fui. Quando eu saí, a Ângela estava me esperando. A Ângela me ajudou tanto, só você vendo. Eu falei: “Fui presa. Eu não sei para onde eu vou não”. Me colocaram na surda outra vez. Medeiros falou: “Você vai ficar na surda até você me chamar e me contar o que você viu”. Eu respondi: “Meu Deus do céu, eu vou ficar presa o resto da vida, porque eu voltar pra falar pra ele, não vou. Eu não apanhei muito ainda, então dá pra eu ficar ali naquela cela”. Tinha um outro rapaz que ficou preso comigo, coitado, ele ficou só uns dias na surda porque a mesma coisa que o Medeiros falou comigo, ele falou para o rapaz. Medeiros disse: “Você vai ficar até você me chamar pra você contar”. Mas como eu não chamei, ele me chamou.

²⁴Vimos a descobrir que uma destas carcereiras que ajudaram Carmela foi Berenice Machado, que tivemos oportunidade de entrevistar.

Esse outro rapaz era do COLINA?

Carmela- Era do COLINA. E ele falou que me conhecia. Então, como eu não chamei, eu fui chamada pra ser interrogada. Ele saiu e foi. Entregou. Eu não, eu não fui. Sei lá, a gente não pode também ficar julgando. Ele falou quem eu era, então, nós tivemos que fazer um bate-papo. Eu falava que não conhecia ele e ele falava que me conhecia. Eu falava: “Não, ele está doidão. Eu não conheço”. Ele falava: “É ela”. Coitado. O coronel falou: “Então vai embora”. Eu fiquei ali falando que eu não era, que eu não era de nada, então ele me soltou e não fui para a surda outra vez, fui para um lugar melhor, onde ele me chamava de vez em quando para interrogar. E eu sempre firme. Não custava eu falar que era, porque eu conhecia, era amigo dos meninos e eu falando toda a vida que eu não era, que não conhecia ninguém. Ficava, então, meio esquisito. Eu podia ter enrolado eles, porque você tem que enrolar. Fui para um lugar melhor, aí já era mais espaçoso, eu fiquei sozinha, tinha um lugar onde eu tomava sol, saía para tomar sol, saía para passear, assim, no corredor, tinha um parque muito bonito lá no Horto. Saía para passear, recebia visita da mamãe, da Ângela, recebia visita de todo o mundo. Ao mesmo tempo, eu fui sendo interrogada, mas como eles não tinham nada contra mim, eles me soltaram. Me soltaram condicional e eu fui para casa. Não podia sair de BH, tinha que ficar aqui, não podia ir para lado nenhum. Eu estava com essa vida, escolhi ficar com meu irmão, foi muito bom, morei um ano com ele. E os meninos presos. Daqui eles foram para Juiz de Fora.

Para a penitenciária de Linhares?

Carmela – É. Para Linhares. Mas a gente tinha contato com o pessoal, o Murilo e o Ângelo e os outros companheiros lá em Juiz de Fora. A gente ia muito lá. Eu falava que eram as mães de Maio, porque juntavam as mães de todos os prisioneiros que estavam lá em Linhares e nós íamos visitá-los. E eles, minha filha, era uma coisa horrorosa, só você vendo. Os meninos lá pedindo para a gente levar as coisas para eles. Aí é que foi feito esse documento de Linhares²⁵. E eles ficavam exigindo coisas da gente, principalmente o Ângelo: “Os que estão lutando ainda, como é que eles estão”? “Traz algum papel deles”. Nossa Senhora!

Como é que se entrava com papéis?

²⁵A “carta de Linhares” foi a primeira carta de denúncia e descrição das torturas realizadas em presos políticos. Foi escrita em 1969 e tornada pública no exterior, no ano seguinte. Escrita e assinada pelos militantes do COLINA presos na penitenciária Edson Cavalieri, no bairro de Linhares, em Juiz de Fora/MG, conhecida por Penitenciária de Linhares. Esta havia sido adaptada especialmente para receber presos políticos.

Carmela – Levar isso era a coisa mais custosa do mundo. Como é que você fazia? Os guardas estavam tudo lá vigiando as visitas [risos]. Teve uma vez que a Ângela levou um e sentou em cima dele para depois passar para o Ângelo e para os outros. E aí acabou a visita, e como é que ela ia levantar? [risos] A gente punha sempre dentro das coisas que a gente levava, que era biscoito, coisa de comer. E lá na casa da minha irmã eu fazia e escondia as coisas. Eu acho, inclusive, que era [inaudível], uma loucura. Meu cunhado me ajudava a fazer as coisas, a enfiar os papéis debaixo para levar para os meninos e depois entregar. O Ângelo era tão esquisito que com muito custo a Ângela tirou escondido e passou para ele, sabe o que ele fez? Ele leu assim, botou aqui no bolso e ficou aparecendo um pedaço. Quando eu olhei aquilo eu falei “Meu Deus”! Ele não tinha medo nenhum. E nem o Murilo. Eles não tinham medo! Pois eles lá na prisão, quando eles fizeram o documento, o documento foi preso uma vez. Eles punham na corda quando entrava gente. De vez em quando entrava polícia para ver se estava tudo certinho. Eles punham o documento no cordão e punha assim pela janela.

Era isso que eu estava querendo saber, quando este documento foi escrito e quando ele saiu de lá?

Carmela - Nossa senhora! Eles punham e continuavam a fazer. A polícia vinha, eles botavam na corda e punham um pouco lá baixo, assim. Até que eles fizeram o documento. Fizeram o documento, assinaram, todos assinaram.

E para assinar, todo o mundo, eles se encontravam...

Carmela – Eles ficavam todos juntos numa parte da prisão. E a gente ficava numa outra parte. As mulheres ficavam em uma outra parte. E a gente comunicava através do canto, chamávamos eles à maneira dos cantos, das coisas. Então, para sair, na hora em que ficou pronto, [usa tom confidencial] o Ângelo entregou escondido para o pai dele, quando ele foi visitar. Quando estava passando, o documento foi preso. Tanto que não tem o original. O original deve estar, agora que eles estão queimando as coisas, e eles estão procurando no DOPS, você viu na televisão, não é? Deve estar lá o original. Aí eles fizeram outro. O primeiro eles prenderam. Prenderam e falaram que iam devolver, mas eles não devolveram. Aí tiveram que fazer outro. Fizeram outro e esse saiu. Como que esse saiu? Ele saiu, mas você sabe que eu não me lembro como ele saiu? Entregou para alguém. Bom, aí você pergunta para alguém que eu não estou... Eu não lembro.

A senhora chegou a ficar presa em Linhares?

Carmela- Em Linhares? Sim, eu fui para Linhares.

Daqui a senhora foi para Linhares. A surda foi aqui?

Carmela- A surda foi aqui. Eu fui pra Linhares. Eu fiquei aqui, antes de eles me liberarem eu fui pra Linhares e fiquei presa em Linhares, depois é que eles me liberaram porque não tinham provas contra mim.

Quando isso? A senhora sabe?

Carmela – Sessenta e quatro... A gente saiu...

Em 1969 os meninos foram presos.

Carmela- Sessenta e nove.

Em 1969 a senhora foi presa pela primeira vez...

Carmela – Em 69 foi o seqüestro. Eles foram presos em 1969. Em 1970 eles foram banidos. Mais ou menos isso. Eu fui pra Linhares, depois que eu fui presa e a gente ia visitá-los. Aí levava as frutas. Eles pediam tanta coisa, aí eu queria saber o que estava acontecendo com as pessoas que tava lá fora, como é que estavam os companheiros, como é que tava isso, como é que tava aquilo... E a gente tentando alertar, mas eles nunca descobriram nada. Quando eles me soltaram, de Linhares, eu fiquei solta, mas só condicional, porque [inaudível], não podia sair daqui. Aí, eu falei: “Gente, eu vou ficar aqui, sem fazer nada? Vou continuar a luta”. Não sei o que me deu. Deixar meus filhos presos para continuar a luta no Rio, que eu não sabia... Porque, algumas companheiras minhas estavam no Rio. Estavam lá na VPR²⁶. Já não era COLINA, COLINA já tinha acabado. Eu fui para lá. A Ângela dizia: “Não vai, você vai ser presa”. Um companheiro veio do Rio aqui pra Belo Horizonte, perguntar se eu queria ir para o Rio continuar a luta. E eu fui, nem sei como. Falei: “Preciso continuar essa luta”. Você não sabe se é idealismo, se é aquela capacidade que você tem de ir para frente. Mas isso aí quando você já está na clandestinidade.

²⁶Vanguarda Popular Revolucionária. Grupo de orientação foquista, cujo um dos líderes foi Carlos Lamarca.

Você não pode voltar. Porque se você voltar... A pior tortura, que eu acho, não é a bomba d'água, é você abrir os companheiros. O medo pior é abrir. Para mim pelo menos, não sei se para os outros foi. Quando eu cheguei no Rio, que o ônibus parou, que eu já tinha marcado com a companheira para eu encontrá-la... Encontrei com a menina e nós fomos morar em Copacabana, em um lugar muito alto. E já estava mais ou menos queimado. Queimado, que a gente fala é que a polícia já está mais ou menos vigiando. E a gente saía, eu tinha uma amiga que saía pra poder encontrar com os companheiros, para ver se estava tudo certo. Todo dia ela saía para encontrar dois, três companheiros. Quando você fosse encontrar com um companheiro que estava em liberdade, você podia ficar um minuto, senão você era preso. E você não sabe se aquele companheiro estava sendo seguido ou não tava sendo seguido, então, como é que você ia fazer? E eu, eles ainda estavam pensando onde é que iam me colocar, porque eu era mais velha, as outras eram todas mocinhas. Não sabiam se iam me levar para o Rio Grande do Sul, o que iam fazer. Então, eu ficava em casa fazendo comida para as companheiras e de vez em quando ia encontrar também com outras pessoas. Nisso aí, eu fiquei um mês. Cortei o cabelo, pintei o cabelo. Havia pessoas no Rio de Janeiro que eu conhecia, e que por azar me chamou: "Carmela". Eu estava com a outra companheira que estava na clandestinidade. Eu olhei, era o Huguinho, que era meu amigo. Você acredita que ele foi tão bom que ele me deu a chave e falou: "Carmela, quando vocês estiverem muito perseguidas, está aqui a chave da minha casa, para você correr para lá". Muita gente ajudou a gente. Eu falei: "Tá bom", e fiquei. Um mês depois, nós mudamos para uma casa mais simplesinha e tal. E lá a gente ficou. Eu arranjei um emprego e nós separamos tudo, porque a outra casa também queimou, resolvemos sair, cada uma ia sair para um lado. A Diva²⁷ ia sair para um lado, a Maria²⁸ ia sair para outro e eu ia sair para outro. Ninguém ia ficar sabendo onde cada uma estava, e de vez em quando a gente encontrava para saber se estava todo mundo bem, se tinha caído alguém. Eu fui pra casa de uma senhora. Ela falou: "Eles tão falando muito em terrorista aqui, a senhora é uma pessoa assim bem posta". Mesmo assim eu saí e fui pra outra casa. Eu morava nos fundos da casa e arranjei um emprego em uma entidade que mexia com jornalismo. Era um negócio que [inaudível] de jornalismo. E eu batia na máquina. Não sabia direito bater à máquina, mas eles foram muito condescendentes comigo e me aceitaram sem eu saber bater à máquina muito bem. E eu fui ficando lá, até que um dia, quando eu fui para lá para trabalhar o rapaz falou comigo falou assim: "Escuta" – eu me chamava Virgínia – "Escuta Virgínia, o seu passaporte é legal?". [inaudível] Estava me avisando, como é

²⁷Nome fictício.

²⁸Nome fictício.

que eu estava empregada no lugar e o sujeito me pergunta se o meu passaporte é legal? Mas eu fui meio desconfiada. Quando eu entrei na casa, eu morava num quartinho e a senhora que me recebeu tinha um filho, nós estávamos vendo televisão quando eles entraram na casa atirando. Aquela coisa horrorosa. A mulher não sabia quem eu era, coitada, quase morreu de susto. O filho dela também. E tinha um menininho, coitadinho, que ficava na portaria do prédio empregado e eles levaram ele também. Levaram todo o mundo para o DOI/CODI. Para o DOI/CODI, eu não fui para o DOPS do Rio não. Uma violência danada. Não dava tempo de você pegar nada. [inaudível] Daí em diante o negócio enguiçou. Foi muito violento. Aí eu fui para... Para baixo no DOI/CODI tem onde ficam aquelas pessoas que já foram... Tem dois andares. Ficam as pessoas que já foram torturadas, já foram interrogadas. Ficam mais ou menos ali. Ali é um lugar mais ameno. Mas quando você está no porão, torturam de tudo quanto é jeito. Como eu já te contei, as torturas, eu fui torturada, fui para o pau-de-arara, tomei choque elétrico, mas eu fiquei firme. E eles perguntavam se eu estava na organização, se conhecia os rostos, não sei o quê... E quando eles enfiavam você num quartinho, aqui era a sala de tortura, tinha uma cela não tinha nada, nada na cela. Você ficava jogada lá, no chão, não tinha cama, não tinha nada, e você ficava jogada lá. Depois era chamada outra vez e aí ficava, para lá, para cá, para lá, para cá. Isso era no Rio de Janeiro. Depois fui para um quartel. Eu fui pra um quartel e lá o negócio era mais ameno. Tinha muito mosquito, que não deixava você dormir. E lá você podia receber notícia. Então eu saí do DOI/CODI e fui pra lá. Aí eu fiquei lá uns tempos. E outras companheiras também foram, mas cada uma em uma cela. Um dia, chegaram no carro, abriram a porta do carro, pediram pra eu pegar minhas coisas, eu peguei minhas coisas e entrei no porta-mala. Eu fui no porta-mala. Falei: “Meu Deus, pra onde eles estão me levando”? Pior é isso. “Pra onde eles estão me levando? Eles tão pegando minhas coisas, eu to no porta-mala”. Não sabia. Quando eu saí para ir embora, aí eu comecei a ver para onde é que eu ia. Pela estrada. Eles estavam me levando lá para Linhares. Eles me puseram no porta-mala, eu ia assim e eles lá na frente. De vez em quando eles abriam para tomar um café e eu não. Algemada e tudo. Foi muito, muito, muito ruim. Uma tortura muito grande. Quando eu cheguei lá, eles abriram a porta e me deram a mão pra descer. Eu não dei a mão pra descer, não sei, não tive coragem, e me puseram numa cela lá. Eu perguntei para o guarda que estava me vigiando: “Onde é que eu estou?”. Ele me falou assim: “Está em Linhares”. Eu falei assim: “Mas em Linhares? Aqui não está parecendo Linhares não!”. Ele respondeu: “Não, você está no lugar mais afastado um pouco de Linhares que ficam as presas que estão chegando”. Quando eu saí de lá estava me esperando a Ângela, estava todo o mundo me esperando. Eu fui pra cela onde as mulheres e os homens eram separados, mas a gente se

comunicava, os presos levavam bilhetes pra gente, a gente levava bilhete, trazia, você está entendendo?

Os filhos da senhora ainda estavam em Linhares quando a senhora voltou para lá?

Carmela – Estavam. O pessoal estava em Linhares. O Ângelo era muito expansivo e o Murilo era mais calado. Teve uma vez, quando eu cheguei em Linhares, o Ângelo me escreveu um bilhete e pediu para mandar pra mim. Então, ele escreveu um bilhete, cada coisa, menina! “Mãe, você é uma heroína”. Nossa! Quando eu li o bilhete eu falei: “Meu Deus do céu! Se esse bilhete cai na mão da repressão”? Eles contavam tudo no bilhete que eu tinha falado que não. Lá ele falava que eu tava na organização. Eu fiquei com tanta raiva dele! Porque, se ele não tinha medo, eu tinha! Eu peguei aquilo e joguei na privada. Hoje eu tenho um arrependimento, devia ter deixado. Eu ia ter até hoje, não é? E aí eu estava contado, até que um dia eles acordaram de madrugada, todos cantando. Falei: “Gente, o que será que aconteceu?”. Era o seqüestro. Primeiro seqüestro tinha sido... Não, tinham seqüestrado duas vezes. Tinha levado só 15 pessoas. Marighela que fez. Eles tinham mandado para o México poucas pessoas, 15 pessoas²⁹. Nesse que eles fizeram, se tivesse pedido todos, todos os prisioneiros, iam todos, porque imediatamente que eles pediam a repressão mandava, de medo de eles fazerem alguma coisa com a pessoa que estava seqüestrada. Quem fez muito seqüestro foi o Herbert, ele era uma pessoa muito inteligente, ele não foi preso. E ele morreu no Rio de Janeiro de AIDS³⁰.

O do livro “Passagem para o próximo sonho”?

Carmela- É. Tem um livro dele. Muito bonito. Era ele quem fazia o seqüestro. Se eles tivessem pedido nesses quarenta todos os prisioneiros, todos tinham ido, todos para a Argélia. Mas eles pediram quarenta. Não podia ninguém ficar, tinha que ir querendo ou não. Foram embora os meninos, eu chorei muito. De lá, eles foram para uma janela onde dava pro nosso pátio. A gente

²⁹O número de banidos do território nacional chegou a 130. Foram 15 trocados pelo embaixador americano em 9/set/1969; 5 trocados pelo cônsul japonês em 14/março/1970; 40 trocados pelo embaixador alemão em 15/junho/1970; e 70 trocados pelo embaixador suíço em 13/jan/1971. Cf. GRECO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia*. Tese de doutorado. Departamento de História: UFMG, 2003, pp.51.

³⁰ Herbert Eustáquio de Carvalho, mais conhecido como Herbert Daniel. Estudante de medicina da UFMG. Integrou as organizações POLOP, COLINA, VAR- Palmares e VPR. Participou dos seqüestros dos embaixadores Ehrenfried von Holleben, em junho de 1970, e Giovanni Bucher, em dezembro de 1970. Escreveu três livros, sendo o mais conhecido, o memorialístico: *Passagem para o próximo sonho*. Atualmente, sua biografia está sendo redigida pelo brasileiro e professor da Universidade de Brown, Dr. James Green.

estava no pátio. Quando a gente deu adeus pra eles, o Ângelo: “Mamãe, nós viremos buscar você, daqui uns tempos, eu e Murilo”. E foram embora. E eu fiquei lá naquela tristeza. Os meninos, eu achei que nunca mais ia encontrar com eles, porque foram embora e eu fiquei lá, não sabia. Falei: “Eu não vou encontrar mais”. Mas, passado uns tempos, uns oito meses, eles fizeram o seqüestro do suíço e pediram muito, pediram setenta presos. Eles não podiam pedir muito, os militares já sabiam que eles não iam fazer mal ao que tinha sido sequestrado. Não dava para eles pedirem todo mundo, aí já tinha passado o tempo. Dessa vez não era obrigado a ir embora como das outras vezes. Dos setenta, ficaram, parece que uns sete. Não quiseram ir. Aí falavam: “Carmela, não vai não, fica aqui, você já está mais velha”. Falei: “Não, vou atrás dos meus filhos. Eles estão lá, às vezes a gente se encontra lá”. E fomos. Fomos quase todos. Ficaram poucas pessoas. Fomos pro Chile, o Chile é que aceitou a gente. Lá no Chile a gente foi para um lugar, eles colocaram a gente em um lugar muito bom. O Chile é lindo, menina, só você vendo! A gente ficou num lugar muito bonito, até que a gente arranjasse uma coisa pra fazer. Podia sair, podia fazer o que quisesse.

A vida lá ficou normal?

Carmela – Ficou normal. Normalíssima. Muito bem tratada. O Murilo não quis ir, de Argel ele foi pra Cuba. Foi treinar para poder entrar no Brasil para fazer a tal guerrilha. Você acredita? O Angelo não quis ir, porque o Angelo tinha contato com um pessoal no Brasil, não sei de que jeito, e ele viu que estava todo o mundo caindo e que tinha acabado as coisas, não tinha jeito mais de levantar, mas ainda tinha jeito de morrer. Porque eles torturaram até 1975. Eles sabiam que a gente não tinha condições de fazer nada, que a gente não tinha condições de tomar nenhum poder. Continuou a torturar. Nós ficamos no Chile, pouco tempo. Então, a gente lá formou uma espécie de organização, mas não tinha nome não. A gente estava ajudando um pessoal que estava também na luta ao lado do Allende.

Ajudava a militância do Chile.

Carmela – Defender o Chile. Era o Allende. O Allende muito simpático. Aquela beleza, as festas, a gente tocava aquelas coisas do Chile. Época mais bonita que eu tive na minha vida foi quando eu estive nisso. Perto lá de casa, tinha um jardim que você subia, fazia tudo o que você queria, ia para o cinema. Tinham os tremores de terra. Uma vez teve um tremor de terra e eu

com a Auxiliadora [Barcelos], Dorinha, fomos no cinema. Tremeu, tremeu, nós falamos assim: “O que nós vamos fazer?”. Nós vimos um horror de pessoas saindo do cinema correndo, mas o tremor, ele para. Tremar, ele treme de novo, ou pode ter um desastre. Acho que nunca teve temor que tivesse acontecido algum assassinato. Nós corremos pra casa, com medo. A Ângela estava lá me visitando. E ela estava tomando banho quando deu o tremor. A água começou a subir e ela ficou apavorada, coitada, porque não sabia. Deu dois tremores, esse foi mais forte. Foi 7 graus, mais de 7 graus. Os outros foram menores. Fiquei no Chile até... Eu separei dos meninos, porque o Murilo foi para Cuba, o Ângelo queria que ele viesse de Cuba, não queria que ele ficasse lá treinando para poder entrar no Brasil, porque todo que entrou antes da anistia foi morto. Todos. Alguns entraram. O Murilo estava preparando pra entrar. O Murilo acreditava na guerrilha, mesmo depois de... Achava que tinha que ser assim. Para ele sair dessa coisa, o Ângelo chamou ele, disse que precisava dele no Chile, assim ele veio, com documento falso, com o nome de um rapaz que tinha morrido. Ele entrou o Chile nós fomos esperar ele e: “Murilo, Murilo!” E ele ia fingindo que não era ele. “Ah, mas esse povo está doido”. Aí ele entrou e foi morar com a companheira dele. Arranjou uma namorada, arranhou uma casa. O Ângelo pegou um filho com a Maria do Carmo. E ficamos ali no Chile ajudando o pessoal. Eu fiquei em um lugar onde ficavam os operários. Era uma casinha com um casal que também tinha ido para o Chile. Aí nós não tínhamos nada, tinha uma cama, tinha um negócio... Eu achava bom, não fazia falta nenhuma. E fiquei lá com eles. O Ângelo foi pra um lado e o Murilo foi pra outro, então nós ficamos separados. Quando deu o golpe, a gente estava separado, cada um morando em um lugar. Cada um estava fazendo uma coisa. O Ângelo começou a medicina, que ele tinha interrompido e o Murilo começou a fazer, para sobreviver, começou a fazer colarzinho, essas coisas. E era uma beleza, porque tinha uns lugares perto da Viña del Mar, a gente ia pra lá, tinha mar, só que a água era fria, não era o Atlântico, era o Pacífico. A gente ia com os namorados, eu arranhei um namorado lá, ele era da cor do Marighela. Ele era do plano do Marighela. E o Marighela tinha mandado ele pra Cuba e ele queria voltar pro Brasil, porque ele nunca tinha estado no Brasil e lutado no Brasil. E ele queria entrar. E eu comecei a namorar ele e dizia: “Não vai, você vai morrer, está todo o mundo morrendo lá”. E você acredita que ele entrou? Entrou e não vi mais. Nós ficamos no Chile, era aquela maravilha! Saudade que eu tenho. Quando deu o golpe, foi pior que o golpe daqui. E eu sozinha! Eu num lugar e os meninos no outro. Sabia deles e eu não podia passar, porque fiquei em um lugar onde tinha operários e a polícia foi toda pra lá pra reprimir os operários, que são as primeiras coisas que eles fazem. Os operários. E eu lá sem poder sair, sem saber por onde anda os meninos. Eu fiquei três dias na peleja. “Como é que eu

vou atravessar esse pessoal aí”? Que estava tudo dando tiro, matava pessoas, jogava no rio. Foi uma coisa horrorosa. Não dá pra gente descrever o que foi o golpe no Chile. Eles matavam as pessoas, jogavam no rio, eu fui pensando: “Gente, eu tenho passaporte italiano”. Eu tinha um passaporte italiano que a Ângela arrumou pra mim quando eu estava aqui no Brasil. Eu falei: “Olha, com esse passaporte italiano eu vou tentar”. Falei com meus dois companheiros, pedi para ver onde é que estavam os meninos. Saí, eu sabia onde era a casa deles, mas não sabia se tinham sido presos ou não. Aí passei com o passaporte falso e a primeira coisa que eu fiz foi ir pra casa do Ângelo, que era num lugar até onde estava a burguesia. Tinha uma chilena que chamava Maria Lúcia, que ficou muito amiga a ajudava a gente muito, quando ele já tinha se separado da Maria do Carmo. Chegou lá, estava assim de gente na casa dele, pelejando. O Murilo já estava lá e tinha um montão de gente lá e eles tinham escapado da matança. Que era uma matança horrorosa. Os outros tinham ido para as embaixadas. As embaixadas abriram as portas. A que abriu mais a porta foi a Suécia. Todo o mundo entrou para as embaixadas, lá eles não podem entrar. A embaixada da Itália, pra onde eu fui não abriu muito não. Só recebeu os italianos, como eu era italiana, tinha sobrenome italiano, eu entrei. E eu queria que os meninos entrassem, o Murilo eles deixaram entrar. Ficou só o Ângelo para ficar olhando e levando as pessoas para as embaixadas. Na embaixada da Argentina também ficou muita gente. E as outras embaixadas também abriram. Abriam a do Panamá, entrou gente lá, cabiam trezentas pessoas mais ou menos, tinha quatrocentas e tantas lá. O coitado que era embaixador entrava pela janela, de tanta gente que tinha lá. O Ângelo ficou na rua, andando pra lá, andando pra cá e foi preso. Mas tentou colocar o pessoal e até que ele foi pra embaixada do Panamá. Foi buscar o Murilo. Sabe por quê? Por que eles achavam que eu ia demorar muito pra ir pra Itália. Eu queria ir pra Itália, eles queriam ir pra França. Eles estavam no Panamá, mas queriam ir pra França. Não, eles estavam na embaixada do Chile, mas o Ângelo tinha um contato lá na França e queria ir pra França. E ele foi lá buscar o Murilo que estava comigo, trouxe o Murilo pra embaixada do Panamá, porque achava que na embaixada do Panamá eles iam mais depressa pra Europa e que eu não ia. Eles iam tentar ir mais depressa. Então, levou o Murilo, e o Murilo foi. Ele e a namorada dele. E eles ficaram lá todos espremidos. Ficou tão espremido que o pessoal ficou com dó e os chilenos ajudaram a gente pra pegar os meninos e pôr os meninos num lugar mais decente, para terem pelo menos onde ficar, porque eles não podiam nem respirar. E eles foram embora. O Ângelo e o Murilo foram pro Panamá e de lá o Ângelo foi direto pra Paris. E eu fiquei lá. Uns dois meses depois, eu fui pra Itália. O Ângelo já tinha ido pra Itália, já sabia que eu ia, arrumou quem ficasse comigo lá e o Murilo lá no Panamá, não queria ir para lado nenhum, queria ficar no Panamá, mas acabou indo.

O Murilo foi para a Bélgica e lá ficou. Lá eu arranjei um emprego, eu fazia tudo, fui empregada doméstica, depois eu fiz um curso. O Ângelo falava muito pra mim: “Por que você não aprende a fazer? Nós vamos ficar aqui muito tempo. A senhora aprende francês, aprende espanhol, e aprende italiano”. Então eles me incentivavam: “Então, aprende inglês que fala no mundo inteiro”. Eu fiquei na Itália muito, assim, muito sem conforto. Nós ficamos em um lugar onde é até tombado. Um lugar tombado para ficar toda a vida, era depois do vilarejo. Eu e uma companheira. Cada uma trabalhava do seu jeito, do que aparecia, e a gente ia vivendo. Não tinha perseguição, não tinha nada. Só que a gente tinha muita saudade do Brasil, a gente escrevia carta, a mamãe foi lá, a Ângela foi lá nos visitar, até minha sogra- que já não era mais minha sogra. O Ângelo começou a estudar e o Murilo fazia sempre umas coisinhas pra poder vender. Lá ele trabalhou, ele arranjou um emprego muito bom. O rapaz arranjou numa livraria e ele começou a trabalhar e lá ele sobreviveu. Mas quando ele estava trabalhando na Bélgica, ele passou muita necessidade, quando ele foi pra Paris - o Ângelo chamou ele pra Paris -, ele teve um emprego muito bom. Ia tudo bem. Cada um no seu lado, eu fiquei na Itália, mas de vez em quando ia visitá-los, quando o Ângelo morreu de desastre de motocicleta.

A senhora chegou a se filiar a algum partido no exterior?

Carmela- Não, não. Só ajudava. Eu tinha muita saudade do Brasil, não aprendi língua nenhuma, eu fiz um curso de estética. Você precisa ver, eu trabalhei lá sem saber língua nenhuma. Eu não sei como é que eu me virava. E trabalhava! Era lindo lá. Só você vendo. [Antes, trabalhei em] escola de criança, as crianças de classe média. Eu arranjei emprego lá, eu entrava lá era uma barulheira. Eu entrava e depois atravessava um lago bonito e ia pra onde estava a escola. Comecei a trabalhar na escola, fiz muita amizade com os franceses que trabalhavam lá. Cada um tinha dez crianças e não sabia falar [a língua]. Quando a falava: “Você vai fazer isso, isso e isso”, eu entendia pouco, mas os meninos ajudavam. Meus dez meninos. Mas os pais ficaram sabendo que tinha uma professora que não sabia falar. Aí danou. Eu fui dispensada. Eles fizeram até assinatura pra eu não sair, mas eles falaram não. “Nossos filhos não podem ser educados por uma mulher que não sabe falar francês”. Aí eu tive contato com uma outra, que olhava criança de árabe. Filho de árabe servia, servia qualquer coisa, mas não tinha infra-estrutura nenhuma. Os meninos ficavam em uma igreja, tudo fechado ali naquela igreja, não tinha um brinquedo, não tinha nada para as crianças. E as mães ficavam do outro lado aprendendo a fazer crochê, fazendo outras coisas. Eu falava com a chefe: “Olha, não tem nada para os meninos brincar”. Nós ficamos em

uma coisa escura. Os meninos ficavam todos agarrados comigo. Então eu resolvi fazer um curso. Um curso de estética. O Ângelo falou: “Mamãe, você vai dar certo no curso de estética”. E eu, em italiano, fiz o curso e passei em primeiro lugar, de tanto que eu esforçava. As outras nem importavam. Porque era italiana mesmo, tanto fazia como tanto fez, mas eu precisava. Fiz o exame, passei, eu fui trabalhar em estética, eu ia de casa em casa. Fiz muita amiga lá. Até que um dia, saiu a Anistia. E a gente tinha contato com o pessoal da anistia. A dona Helena³¹ foi lá, na Itália, fazendo campanha pra Anistia e aqui a gente ficava sabendo que o pessoal estava lutando pra gente voltar. Até que um dia, deu. Foi em 79. Aí todo o mundo podia voltar. Aí, nós começamos arrumar pra voltar. O Ângelo tinha morrido, no acidente de motocicleta, foi enterrado no Père Lanchaise. A Ângela foi lá, ele foi cremado. E juntou muita gente. Ele foi cremado e a gente trouxe as cinzas dele, a Ângela levou as cinzas dele lá pra Araxá. Eu também voltei, Murilo também voltou, e eu fiquei aqui. Nós fizemos a Casa da Vovó, que era um negócio de criança, que eu sempre trabalhei. Depois que eu trabalhei na creche que nós formamos, muitas creches com o dinheiro que vinha do exterior, que mandava pra nós. Uma organização não governamental do Rio também. Que ajudava a gente com dinheiro. A gente não tinha dinheiro. Depois da Casa da Vovó, Murilo me chamava. Murilo foi pra Cuiabá trabalhar com os sem-terra e me chamava. Ele passou até fome, porque ele não tinha dinheiro. Foi um padre lá e dizia: “Olha a gente tem que fazer um trabalho muito bom aqui”. E o Murilo sempre me chamando: “Mãe, vem me ajudar, vem me ajudar”. Eu não tinha coragem, porque lá era uma porção de violência, porque tinha aqueles capangas com revólver na cintura. Teve um dia que eu falei: “Quer saber de uma coisa, eu vou pra lá de qualquer jeito”. Todo mundo: “Não, não vai, você vai morrer lá”. Falei: “Vou ajudar o Murilinho de qualquer jeito”. Aí arrumei minhas malas e fui. Nós passamos uma vida bem ruinzinha. A gente trabalhava, assim, em uma coisa qualquer, tinha um padre que era muito amigo da gente em Cuiabá. Depois, nós fomos ainda pro Vale do Guaporé, que é longe. Então, quando viram nosso trabalho, foram ajudar. Quando saiu, a gente já tinha colocado sete máquinas de limpar arroz, porque não tinha estrutura, nem nada, levava nas costas. A gente queria, então, melhorar a vida deles e precisava politizar o pessoal para eles terem condições, para eles saberem o que eram, que é o operário que sustenta a sociedade. Nós não queríamos entrar na invasão de terra, porque a gente achava que quando fossem presos a gente não tinha condições de acompanhá-los e ficava pior para eles. E ficava pior para a gente também, porque senão a gente parava o trabalho. A gente já ia lá para o pessoal que já tinha uma terrinha. Muito pouca, no tinha nenhum papel, a gente conseguiu ajudá-los, foi muito bom. Eu trabalhei

³¹ Helena Greco foi uma das militantes do movimento feminino pela Anistia.

muito bem, o Murilinho casou e teve um filhinho. Casou com uma menina que veio com ele lá da Europa e foi com ele pra Cuba, depois foi com ele pra Cuiabá. Ela era muito inteligente, muito bonita, teve um filhinho com ele, mas depois foi lá pro Paraná. Está lá no Paraná. E ela trabalhava, a gente trabalhava muito bem, eu gostava muito de lá, a gente tinha... Por isso que eu falo, eu não combino com ninguém porque a minha maneira de viver é diferente. Aqui, minha filha, se você põe um trem assim... A coisa é assim, se você pega um cigarro e bota aqui e o cigarro cai no chão, o cigarro está no chão! Então, eu não estava acostumada com nada, a andar, viver em barraco, dormir no chão. Não tinha luxo nenhum. Andava de qualquer jeito, eu era muito vaidosa, larguei minha vaidade. Larguei minha vaidade duas vezes. Uma vez que fui pro Rio, eu já falei. Não levei nada para Cuiabá e a gente ficou lá até o Murilo suicidar. O Murilo suicidou, eu acho que ele já tinha uma vida muito amargurada. Eu acho que existia entre o Ângelo e o Murilo uma diferença grande, porque a sociedade aceitava muito mais o Ângelo que era o chefe, que o Murilo. Às vezes eu falava com o Ângelo, e ele: “Mamãe, eu tento conversar com o Murilinho, mas o Murilinho não quer”. Ele ia ter a vida dele junto com os pobres, então, ele ia nadar, gostava muito de pescar, mas ficou essa diferença. Ficou. Às vezes eu falo e todo o mundo fica me enchendo o saco diz que não é assim, eu falei: “É gente. Vocês tem que conversar. Porque é que nós não conversamos com o Murilo e falamos com ele sobre esse problema”? Não conversamos e ele sentia aquilo. “Ele suicidou por causa da mulher dele, que arranhou outro marido lá”. Não foi por isso. Isso foi a gota d’água. Foi a vida dele que foi muito difícil. Muito difícil. Fico procurando, procurando e o Ângelo na frente. Tem essas coisas aí: “Vocês deviam ter conversado com ele”. O Ângelo pelejava pra conversar com ele, mas ele não... Ele era sempre o segundo. Eu estava até aqui, eu tinha vindo aqui pra Belo Horizonte pra buscar uma máquina, uma máquina de filmar. Quando eu voltei, eu soube que ele estava muito deprimido. Eu conversei com o meu psiquiatra e o meu psiquiatra disse: “Traz ele pra cá, nós vamos tratar dele”. Ele não conseguiu fazer uma família. A vida dele foi muito sofrida. Um dia, ele falou pra mim: “Quem suicida é corajoso”. Olha como é que já tava na cabeça. Ele ia trabalhar, trabalhava e ia pra casa. E ficou morando lá onde a gente trabalhava, no escritório. Ele estava bem deprimido. Eu fui embora para BH. Aí a uma e meia me falaram que ele tinha suicidado, eu voltei na mesma hora. A Ângela foi - eu sempre chamava a Ângela -, chamei a Ângela pra me buscar, que não podia ficar lá. A Ângela foi, eu vim de avião. Não quis que ela me contasse nada. Eu falei: “Não quero saber, ele já morreu, nós enterramos”. Ele gostava muito de lá. Deixei lá, depois não voltei.

A primeira vez que ouvi falar da senhora foi no movimento por creche.

Carmela – Foi a Casa da Vovó e o movimento por creche.

Quando a senhora voltou, com a Anistia, a senhora se sentia segura?

Carmela- Agora está pior. Agora está terrível, a gente não sabe o que vai acontecer. Mas não tenho mais medo não. Perdi o medo. Todo o mundo fica puto comigo, porque eu ando na rua, abro a bolsa na rua, não dá. Não dá, não dá. Não tenho medo porque a minha vida foi isso, tive medo lá, daqueles revolver na cintura, então, meu medo até passou. Eu tenho a minha família, tenho meus companheiros, não é?

A senhora é a porta-voz de uma geração.

Carmela- Será? Foi isso que aconteceu. Você quer um suco?

Anexos

Anexo I

A surda - Leste, minha Paronela.
 Pezzuti:
 No silêncio absoluto da misuscula
 cela, ~~naquele~~ ^{naquela} silêncio cheio de imagens
 estranhas, ouvi o ruído de um ferro
 que se fechava. Voltei ao isolamento, ao
 claustro, a solidão, nada mais.
 A pergunta, sem resposta me levava
 aos instintos que aí ao lado alguém, como
 eu, entrava para aquele cubículo, naquela
 escuridão. Assim se passaram vários dias
 sem que um sinal mais preciso pudesse
 me orientar. Quem lá estava? Soube
 depois pela carcereira que a companheira
 Anansi José Nêves, tinha sido empurrada
 para aquele inferno.
 Surda era chamado aquele cubículo
 onde os ruídos eram somente de ratos
 e baratas, envidiados por teias de aranha
 que lentamente teciam suas vidas.
 O espaço da surda era de 1,0m x 1,80m,
 onde a prisioneira, para sobreviver
 tinha que estar sempre em posição
 horizontal, numa cama de cimento, ten do
 no fundo uma fossa onde se satisfazia
 fisicamente. O espaço não permitia a
 prisioneira se levantar pois a escuridão
 era quase total quebrada apenas
 por uma tênua luz que filtrava através
 de uma clarboia onde se podia ver
 apenas uma mesga de céu.
 O horror se apossava da prisioneira

Anexo I: Trecho do depoimento de Carmela Pezzuti sobre a cela "surda". Acervo Pessoal Carmela Pezzuti.

Anexo II



Anexo II: Carmela Pezzuti na prisão. Fonte: PAIVA, M. *Companheira Carmela*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.